



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

HUMBOLDT ENTRE A PAISAGEM: A NATUREZA EM DIÁLOGO

HUMBOLDT IN THE MIDST OF LANDSCAPE: THE NATURE IN DIALOGUE

HUMBOLDT ENTRE EL PAISAJE: LA NATURALEZA EN DIÁLOGO

(Recebido em 17-04-2018; Aceito em: 20-08-2018)

José Luiz de Carvalho

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná.
carvalho.ueda@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise sobre aspectos da obra do cientista alemão Alexander von Humboldt (1769-1859) e discute o autor e obra no contexto da epistemologia naturalista da Geografia e em face das ideias filosóficas predominantes do seu tempo. Verificando, sobretudo, as influências do idealismo e do romantismo alemão no desenvolvimento hermenêutico e metodológico de sua Naturphilosophie e em seu exercício de Geógrafo. Bem como, especificamente, algumas concepções por ele desenvolvidas – a partir da sua viagem de exploração geográfica à América espanhola (1799-1804) – e em cujas narrativas sobre as paisagens pode se identificar o desenvolvimento dessa escrita humboldtiana (uma Γεογράφημα): uma descrição viva, ou “pintura”, comparativa, mas conectiva e interativa da natureza na busca de uma descrição geográfica que visava atingir uma dimensão cósmica. Aborda também particularidades de suas concepções teóricas quanto às variações na natureza comparativamente à Teoria da Seleção Natural de Charles Darwin (1809-1882).

Palavras-chave: Humboldt; Geografia Naturalista; Filosofia da Natureza; Paisagem.

Abstract

This paper presents an analysis of some aspects of the work of the German scientist Alexander von Humboldt (1769-1859) and discusses the author and his work in the context of naturalistic epistemology of Geography in view of prevailing philosophical ideas of his time. It examines, specially, the influences of the German idealism and romanticism in the hermeneutical and methodological development of his Naturphilosophie and in his work as a Geographer. This paper also approaches, specifically, some conceptions he developed in his geographical exploration trip to Spanish America (1799-1804), where in the narratives about American landscapes this singular Geography (a Γεογράφημα) can be identified: a live, comparative, connective and interactive description, or a “picture”, of nature in searching for a cosmic dimension. It also discusses special features of his theoretical

conceptions regarding variations in nature when compared to Charles Darwin's Theory of Natural Selection (1809-1882).

Keywords: Humboldt; Naturalist Geography; Philosophy of Nature; Landscape.

Resumen

En este trabajo se presenta un análisis de algunos aspectos de la obra del científico alemán Alexander von Humboldt (1769-1859) y analiza autor y obra en el contexto de la epistemología naturalista de la Geografía y de las ideas filosóficas prevaletantes de su tiempo. Especialmente las influencias del idealismo y romanticismo alemán en lo desenvolvimiento hermenéutico y metodológico de su Naturphilosophie y de su trabajo como Geógrafo. También analiza algunas de las concepciones que desarrolló a partir de su viaje de exploración geográfica en la América española (1799-1804), onde se puede identificar en las narraciones de los paisajes americanos esta singular Geografía (una Γεογράφημα): una descripción viva, comparativa, pero conectiva y interactiva, o una "pintura", de la naturaleza en la búsqueda de una dimensión cósmica. También se ocupa de particularidades de sus ideas para las variaciones en la naturaleza en comparación con la Teoría de la Selección Natural de Charles Darwin (1809-1882).

Palabras-clave: Humboldt; Geografía Naturalista; Filosofía de la Naturaleza; Paisaje.

Introdução

Com este trabalho pretende-se analisar, no campo epistemológico da Geografia, parte da obra de Alexander von Humboldt – cientista e naturalista alemão dos séculos XVIII e XIX. Para tanto, procura-se focar o cientista nos liames do seu tempo e em face de concepções científicas que se apresentavam: no plano do embate epistêmico entre o iluminismo, o racionalismo e o materialismo empíricos. Advindos, sobretudo, em sua gênese moderna, dos pensamentos galileano, cartesiano e baconiano. E neste contexto o surgimento do idealismo empírico – bem como o transcendental de Immanuel Kant – e romântico alemão, em parte representado pelo movimento literofilosófico *Sturm und Drang*. Considerando que Humboldt sofreu influências desses pensamentos, mas concebeu uma ciência própria e única na compreensão do mundo e na leitura das paisagens feitas em suas viagens científicas – em parte detalhadas nas obras *Quadros da Natureza e Cosmos*. Sendo que o enfoque aqui dado detém-se mais na primeira. Verificando que seus estudos levaram-no a desenvolver – além da Geografia Comparativa e da Geobotânica – a defesa da Teoria da Evolução e da Criação Contínua; até então muito pouco estudada em sua obra.

Humboldt em seu tempo

Humboldt é um clássico. Personagem que envolve o homem – o ser histórico, o pesquisador, o cientista – e a obra. Ou mesmo ambos se enleiam no tempo histórico, o que nos dá uma dimensão ainda maior do que significa para história – consequentemente para a história da ciência, para o conhecimento em geral e, especialmente, para a Geografia. E como já havia apontado Ítalo Calvino um clássico é aquela obra que *nunca terminou de dizer aquilo que tinha pra dizer* (CALVINO, 2002, p. 7).

Quando dizemos que Humboldt é um clássico é necessário, num certo sentido, estabelecer o que pode ser reconhecido como clássico e porque achamos necessário ir ao seu encontro. Em grego clássico arcaico – a principal língua fundante, junto com o latim, da tradição ocidental do conhecimento –, clássico pode-se traduzir por *Ἐγχειριστός* – escrito – ou mesmo *Σχολαστικός* – escolástico. O escrito inclusive possui uma relação semântica com *Ἐγχειριστός* – unguido¹. Nem toda obra é um clássico. Mas o clássico é uma obra que está, em sentido figurativo, unguida: como consequência, numa perspectiva calviniana, contém um sem número de discursos dentro dela, mas repele muitos discursos sobre si.

Nesse sentido a leitura de uma obra clássica é sempre uma releitura. Portanto, a partir deste entendimento o que se pretende estabelecer a partir de Humboldt é somente uma leitura possível, onde é necessário verificar o que lhe é mais específico, buscando minimamente compreender as relações, críticas e entendimentos que desenvolveu em sua época e que o tornaram atemporal. E só assim podemos penetrar um pouco na sua *Γραφή*, ou sua composição, sua arte de escrever, sua pintura com ideais e palavras. Pois a sua grande obra de naturalista, e em razão da sua prática como filósofo da natureza, constitui um *corpus* onde os diversos trabalhos e textos que escreveu se articulam fundamentalmente num todo.

A sua prática singular de registro da natureza e da paisagem conduz a uma compreensão de que na imersão tão profunda e já dialética, unindo prática filosófica e científica transdisciplinar, nas dimensões orgânicas e inorgânicas da terra e do cosmos Humboldt propiciou o que se poderia denominar de uma *Γεογράφημα* – uma descrição viva, ou pintura, do mundo e com o mundo a partir das suas dinâmicas, na qual não se apresentava ainda a futura consolidação paradigmática racionalista da ciência moderna de uma dicotomia entre sujeito cognescente e objeto em mero estado de imanência. Nesta pintura georafemática a totalidade só pode ser conseguida pelos fragmentos da paisagem carregados de potência; e essas partes – ora quase invisíveis aos olhos do pesquisador-escritor – constitutivas devem produzir interação, trazendo novas significações. A natureza torna-se um fluxo ininterrupto de imagens que se formam num processo de cocriação e, assim, passa a possuir também uma dimensão simbólica.

E se aqui se coloca a tarefa de entender Humboldt e parte de sua obra – prioritariamente do ponto de visto epistemológico – é viável, ou mesmo necessário, ainda que de maneira prévia, entendê-lo no seu tempo. Naquele momento histórico, onde dadas concepções e o conjunto de ideias próprias de uma época são o necessário impulso para o desenvolvimento e amadurecimento da subjetividade. Tempo este que parece uma eternidade para os contemporâneos e um átimo para àqueles que se

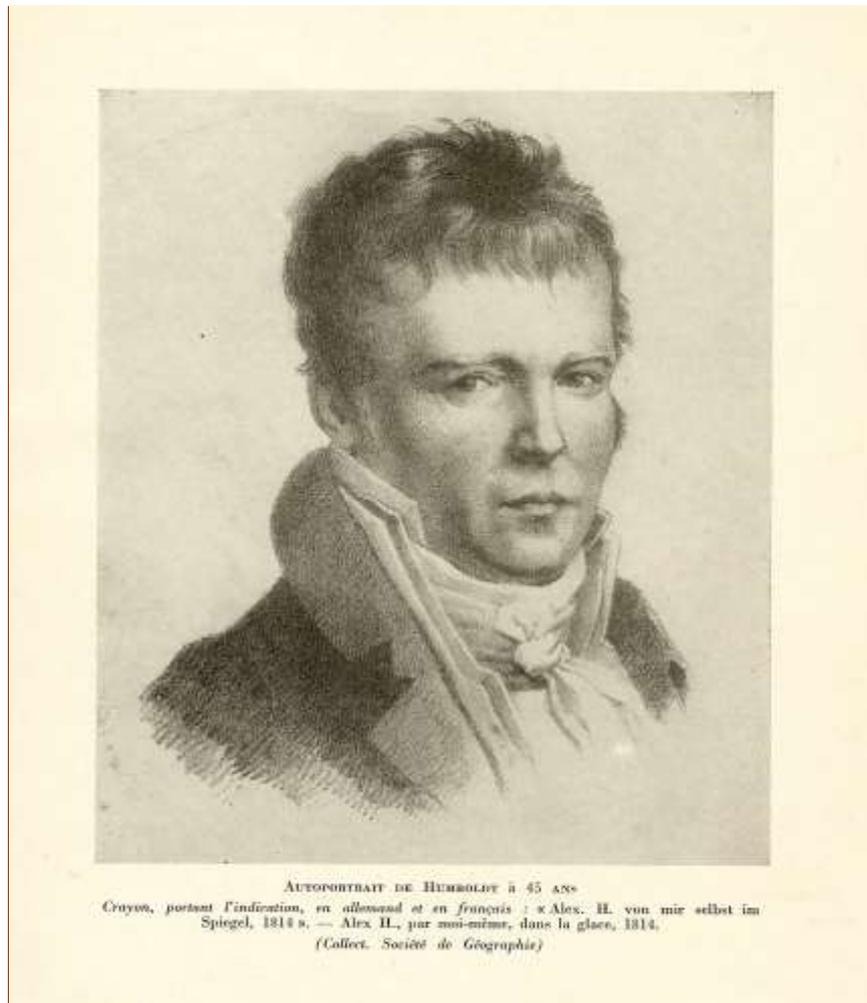
¹ Ver entre outros: PEREIRA, Isidro. **Dicionário de grego-português e português-grego**. 8ª ed.. Braga, Portugal: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.; MENGE, Hermann; GÜTHLING, Otto. **Menge-Güthling Griechisch-Deutsches und Deutsches-Griechisch.Wörterbuch**. Berlin-Schöneberg, 1920.

projetam do presente na tarefa de laçar traços dispersos e reentender o passado; condição que pode ser adotada para uma leitura possível de segmentos da história. Nietzsche observa isso na obra *Humano Demasiado Humano* quando propõe o retiro do presente:

Há grandes vantagens em um dia nos afastarmos largamente do nosso tempo. Em, por assim dizer, nos deixarmos conduzir da sua margem para o oceano das concepções passadas do mundo. Daí, olhando na direção da margem, abarcamos sem dúvida pela primeira vez a configuração do conjunto. E quando voltamos a nos aproximar temos a vantagem de compreendê-la melhor, sob todos os aspectos, que aqueles que nunca a abandonaram (NIETZSCHE, 1973, p. 616 e 382).

Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt nasceu em Berlim em 14 de setembro 1769 e faleceu também na mesma cidade em 06 de maio de 1859 (figuras 01 e 02).

Figura 01: Alexander Von Humboldt – autorretrato aos 45 anos



Fonte: Société de Géographie, *Acta Geographica* (1965, p.7).

Portanto, teve uma vida longa, perto dos 90 anos. De família nobre ele e o irmão Wilhelm foram criados pela mãe, pois perdera o pai, que era camarista do rei da Prússia, ainda na infância – a

família vivia no Castelo de Tegel, imediação de Berlim. O irmão, também cientista, é o criador da Universidade de Berlim². Aristocrata interessou-se desde muito cedo pelo conhecimento e as ciências naturais. Conheceu na infância o poeta Johann Wolfgang von Goethe, um dos mentores do movimento literofilosófico romântico *Sturm und Drang*. O iluminismo – predominantemente francês – marcava o século XVIII, tendo como base o primado da razão e da liberdade do indivíduo em detrimento do servilismo medieval. No seu desenvolvimento surgem vias divergentes que passam a rejeitar o mecanicismo do século anterior que ainda lhe era inerente.

Figura 02: Foto de Alexander Von Humboldt em 1847



Fonte: Hermann Biow (1810-1850). In: <http://www.mkg-hamburg.de/en/>

A Alemanha, porém, vivia uma espécie de renascimento tardio – entremeio o XVIII e XIX –, isolada que ficou dos reflexos do classicismo renascentista italiano. Tal fato, para alguns, explicaria

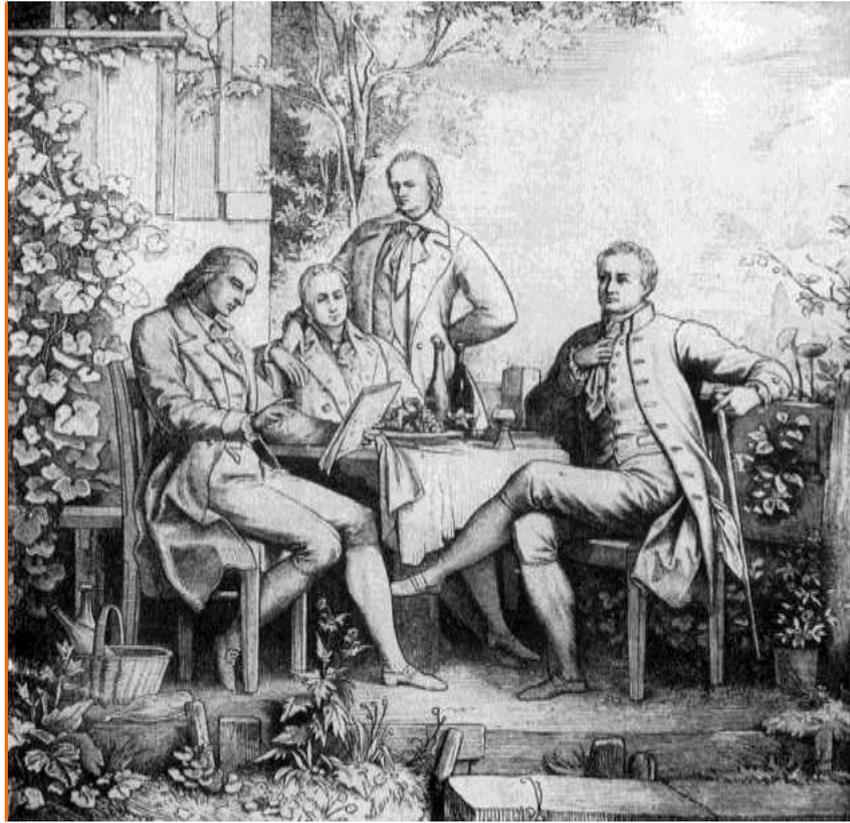
² Wilhelm von Humboldt (1767-1835) foi também profundo estudioso da linguagem; seu estudo *On Language: on the diversity of human language construction and its influence on the mental development of the human species* exerceu importante influência no pensamento de Ernst Cassirer.

como, à procura de uma identidade nacional, os pensadores alemães do período buscaram o modelo estrangeiro para auxiliar na construção da identidade nacional, em especial entre gregos e romanos antigos. O historiador Johann J. Winckelmann propunha aos alemães que o *“único caminho para nos tornarmos grandes e, se possível, inimitáveis, é a imitação dos antigos”* (apud RICOTTA, 2003, p. 33). O eu já havia sido libertado da “opressão medieval” e anunciado por René Descartes³. A liberdade da subjetividade é o primeiro traço marcante da modernidade, se estivermos par e passo com a concepção heideggeriana. Ao voltarem-se aos filósofos gregos – tanto Platão como os primeiros filósofos jônicos, os *physiologoi* – esses poetas e filósofos alemães modernos tencionavam despertar uma cultura alemã adormecida com o rugido poderoso de um passado clássico.

Assim, a proximidade entre arte e filosofia se tornou fundamental. Nesse novo modo de pensar a experimentação do mundo passa a ser também estética. A ciência – e aqui se aproxima o modo Humboldtiano de pesquisa de campo – está junto ao agir filosófico e espiritual para revelar um mundo de fenômenos geográficos em complexa conexão e interação, mas de arte e beleza. Tendo a filosofia de Kant, Hegel e Fichte como fonte, filósofos como Schiller, os irmãos Schlegel, Herder e, especialmente, Schelling representavam essa nova orientação. Bem como a poética de românticos como Goethe, Hölderlin e Novalis (Figura 03).

³ Ver: HEIDEGGER, Martin. **O que é uma coisa?** Doutrina de Kant dos princípios transcendentais. Lisboa: Edições 70, 1987.

Figura 03: Os Humboldt entre os românticos – Schiller, Wilhelm, Alexander Von Humboldt e Goethe em Jena, 1797



Fonte: Adolph Müller. Domínio público.

No manifesto de 1796, em muitas especulações historiográficas atribuído a Schelling, Hegel e Hölderlin, encontrado em 1917 por Franz Rosenzweig, esses princípios estão postos:

[...] A primeira idéia é naturalmente a representação de mim mesmo como um ser absolutamente livre. Com o ser livre, consciente de si, surge ao mesmo tempo um mundo inteiro – do nada -, a única verdadeira e cogitável criação a partir do nada. Aqui descerei aos domínios da física; a questão é esta: como tem de ser um mundo para um ser moral? À nossa física vagarosa, que avança laboriosamente com experimentos, eu haveria de dar asas outra vez.

Assim a filosofia fornece as Idéias e a experiência, os dados, podemos afinal adquirir a física em grande escala que eu espero de épocas futuras. Não parece que a física de agora possa satisfazer um espírito criador, como o nosso é ou deve ser [...].

Por fim a Idéia que unifica tudo, a Idéia da beleza, tomada a palavra em seu sentido superior, platônico. Pois estou convicto que o ato supremo da Razão, aquele em que ela engloba todas as Idéias, é um ato estético, e de que a verdade e a bondade só estão irmanadas na beleza [...]. (SCHELLING, Os Pensadores, 1991, p. 40-41).

No idealismo empírico – principalmente na *Exposição da Ideia Universal* em Schelling –, à experiência científica cumpre primeiramente demonstrar o funcionamento orgânico da natureza, mas como esse funcionamento só demonstra o seu modo de aparecer, que é uma figuração, outra tarefa é atingir a revelação da unidade absoluta. Com a filosofia da natureza objetividade e subjetividade perdem a característica dualista. *Um saber absoluto é apenas um saber tal que nele o subjetivo e*

objetivo não são unificados como opostos, mas no qual o subjetivo inteiro é o objetivo inteiro e inversamente (SCHELLING, 1991, p. 47). Neste caso ambos são entendidos na unidade do absoluto schellingniano. Nesta perspectiva, o cientista, o naturalista e geógrafo quando investiga os fenômenos é parte integrante do processo de evolução no retorno à natureza em si – que se retirou como um mistério, deixando só sua aparência sensível. Essa similaridade, sobretudo no pensamento de Schelling, pode ser vista no diálogo Timeu e Crítias de Platão, o que é o indicativo do retorno dos idealistas aos gregos e as primeiras ontologias sobre a *physis*.

A filosofia da natureza e o romantismo em Humboldt

Dich im Unendlichen zu finden, musst unterscheiden und dann verbinden
“Para encontrar-te no infinito, deves diferenciar e então juntar”

Gott und Welt, Atmosphäre, Goethe

Em Humboldt essa aventura moderna do eu criador une inteligência e sensibilidade perante o desafio de descrever a natureza. A descrição da natureza exigia como método o conhecimento de diversas ciências como astronomia, geologia, arqueologia, paleontologia e fisiologia. A paisagem geográfica, porém, põe Humboldt perante uma interação cósmica e o desafio é analisá-la em sua interação e unidades poéticas. A influência romântica e científica de Goethe, do idealismo empírico e do idealismo transcendental de Kant contribuiu para formar a cosmovisão do naturalista. Goethe, por exemplo, transmitiria a Humboldt muitos dos seus conhecimentos de pintura aprendidos com o pintor Jakob Philipp Hackert, 1737-1807, (MATTOS, 2004). Do grande poeta vêem-se nítidas influências, como no livro *Da Fisionomia da Plantas*, cujos propósitos se aparentam com o *Metamorphose der Pflanzen*, publicado pela primeira vez por Goethe em 1790. Humboldt, porém, era, sobretudo, um cientista preocupado com a descrição precisa e a acuracidade dos dados coletados na natureza. O enfrentamento e conhecimento adquiridos nas fases iniciais de sua formação acadêmica nas diversas áreas da ciência lhes dão base sólida para exercer a sua prática de campo: baseada na observação, descrição, coleta, análise e comparação. Por isso para Carl Ritter, além da geobotânica, Humboldt é o criador da Geografia Comparativa:

Alexander von Humboldt tornou-se, através de estudos da natureza na Europa, Ásia e América, o fundador da Geografia Comparativa. Ele estava completamente familiarizado com todas as formas geográficas nos domínios da sua pátria, antes de viajar para terras estrangeiras. Estes exemplos mostram que a investigação pessoal é uma das mais confiáveis de todas as fontes de conhecimento geográfico. (RITTER, 1865: xxvi, tradução nossa).⁴

⁴ “Alexander von Humboldt has become, by his through studies of nature in Europe, Asia and America, the founder of Comparative Geography. He was thoroughly acquainted with every geographical form in the neighborhood of his home, before he traveled into foreign lands. These examples show that personal investigation is one of the most reliable of all

Neste contexto uma das ferramentas da pesquisa de campo era a pintura de paisagem, já que a pintura é uma forma de descrição. A paisagem no idealismo não é a natureza em si, mas uma mediação entre o seu modo aparente, a forma fenomênica – meramente representativa – e o todo universal; seu fundamento. Schelling designa a natureza como uma espécie de figuração da essência, apresentando-se como forma. Uma corporificação da natureza eterna – a natureza aparente é mero corpo, ou símbolo, compreendido na paisagem –, da ideia-idade universal. A paisagem, por conseguinte, contribui para o estudo e o conhecimento das coisas e, assim, para o desvelamento do mundo: onde se possa chegar a *Naturgemälde* (pintura da natureza) e, por fim, a *Weltgemälde* (pintura do universo). Objetivo atingido por Humboldt na sua grande obra *Cosmos – Projeto de uma Descrição do Mundo*. Mas esse desvelamento, ou compreensão, necessitava de uma conciliação entre o empírico e o pensamento, conseqüentemente entre a razão e os sentimentos. O que se manteve em Humboldt é um permanente encantamento com o mundo, mesmo quando a consciência e a razão tiveram que operacionalizar a obra científica que se materializava. Como demonstra RICOTTA “o espaço e a matéria deixaram de ser coisas-em-si absolutizadas e começam ser intuídos em suas ligações recíprocas pela intervenção da mente que decide” (RICOTTA, 2003, p. 88).

A pintura de paisagem neste contexto era uma ferramenta metodológica, mas também reveladora do “essencialmente” romântico e artístico em Humboldt, pois a paisagem tornou-se uma categoria de extremo valor e a pintura uma força representativa, tanto da precisão científica quanto da gama de emoções devotadas na relação com as coisas da natureza. A precisão descritiva na pintura de um específico elemento da flora permitia-lhe tanto verificar e estudar sua fisiologia quanto admirar sua beleza enigmática e transcendente. Nesse sentido a ciência humboldtiana construiu uma episteme única no campo da filosofia da natureza e a paisagem tornou-se uma categoria tão importante que se pode especular que aí, na tradição da ciência ocidental, surge como uma categoria intrínseca da Geografia moderna. Barbosa (2011, p. 185) aponta dois caminhos nessa assunção fundamental da paisagem:

A paisagem como categoria valorativa parte do Sujeito. A paisagem como categoria normativa parte do Espaço. Se por um lado existem normas (leis imutáveis da natureza) também existem normas sociais e econômicas, portanto, para categorizarmos a paisagem depende do olhar epistemológico sobre a mesma. A paisagem como norma é a paisagem bruta, a paisagem como valor é a paisagem que nos comove e nos sensibiliza. Esse foi o caminho dos românticos: sensibilizar, comover, libertar e subverter. Portanto, a paisagem, a partir do romantismo, é compreendida como conceito totalizador e por meio dela gerações inteiras consideraram possível compreenderem inúmeros aspectos do mundo fenomenologicamente adequados pelo belo e pelo sublime. E assim libertaram-nos, ao conduzirem o Eu para o lócus da luta e da subversão dos valores. (BARBOSA, 2011, p. 184).

sources of geographical knowledge”. In: RITTER, Carl. **Comparative geography**. Philadelphia: J. B. Lippincott and Co., 1865.

Poesia da natureza

Entre os métodos, portanto, da história natural o olhar valorativo de Humboldt para a paisagem sem dúvida lhe permitiu melhor discernir e comparar os aspectos da natureza, principalmente do reino vegetal e das formações geológicas em constante processo geodinâmico. Em apêndice ulterior do *Quadros da Natureza* – citando trechos do *Cosmos* – ele aponta para a importância da pintura e do esboço como métodos aplicados à fisionomia das plantas e de como contribuem para fecundar a mente científica em permanente estado especulativo:

A pintura de paisagem também não é puramente imitativa; tem contudo fundamento mais material e há nela um tanto de terrestre. Exige dos sentidos uma variedade infinita de observações imediatas, que o espírito deve assimilar para as fecundar com o seu poder e dá-las aos sentidos sob a forma de uma obra de arte (...). (HUMBOLDT, 1952, p. 334).

A prática humboldtiana operou também certo resgate da antiga aliança entre ciência, arte e poesia. O caráter acurado – realçador de detalhes, movimento e cores – da pintura possibilitava, após as árduas pesquisas de campo, um olhar e reolhar para o arranjo estrutural dos elementos naturais. Esta especulação é tanto um ato de transcrição das informações deduzidas pela ciência do processo evolutivo e hereditário dos corpos orgânicos e inorgânicos quanto uma asserção da profunda beleza da natureza.

Por isso, um duplo sentido passou a ter a pintura de paisagem: método científico e obra de arte. É como se a pintura recriasse a paisagem novamente para a contemplação – entre a razão científica e a observação meditativa – do cientista. Por isso, Humboldt asseverou em uma das suas passagens que “graças a esta força criadora, a pintura de paisagem tomou um caráter que a transforma também numa espécie de *poesia da natureza*.” (HUMBOLDT, 1952, p. 334, grifo nosso).

A pintura de paisagem se redimensionará, por fim, com a invenção da *Câmera Lúcida*. Patenteada pelo inglês Willian Hyde Wollanston em 1807 ela revolucionaria a metodologia da pintura em campo. Constituindo-se de um prisma ajustável com espelhos, o artista podia ver a paisagem projetada num suporte sobre uma prancheta, por exemplo; assim conseguia reproduzir com riqueza de detalhes os elementos projetados. O que antes o artista fazia “a olho nu” observando uma cena, agora detalhava a partir de uma projeção. FAYET SALLAS observa que “a utilização da *Câmera Lúcida* foi adotada pelos pintores e viajantes por possibilitar a pintura de paisagens de acordo com o real observado, considerada eficaz para o estudo científico da natureza e sua representação” (FAYET SALLAS, 2013, p. 48). Roland Barthes analisa na obra *Le Chambre Claire, note sur la photographie* o papel da fotografia na história, decorrente da patente de Wollanston. A partir de então muitos artistas naturalistas no decorrer de suas viagens passariam a “retocar” a paisagem projetada, principalmente quando da confecção de aquarelas – inserindo, além do “quadro” dado pela vista da natureza, suas

impressões estéticas sobre o observado. Para muitos a aquarela, técnica amplamente utilizada pelos viajantes, é precursora do impressionismo no desenvolvimento da arte da pintura durante e a partir do Oitocentos.

A pintura da paisagem nos propicia em Humboldt também uma conotação metafórica, pois o que sua prática científica buscava era por fim delinear a *Weltgemälde* (a pintura do mundo, ou do universo). Sua obra de vida foi legar à humanidade uma síntese, um esboço – com base nas ciências – das potencialidades do mundo, na sua interação de fenômenos e forças sinópticas. Como similarmente já havia feito Caio Plínio Segundo, o Velho – com sua monumental obra de síntese do mundo antigo, a *História Naturalis*. Se pudéssemos comparar a obra de Humboldt com uma sinfonia, o *Quadros da Natureza* – e todos os demais escritos – seriam como que motivos e temas que inevitavelmente se encontram numa conciliação final: o *Cosmos*. Obra máxima que exercerá profunda influência intelectual em seus contemporâneos, levando cientistas, artistas e mesmo literatos a estudá-lo e saudá-lo, como Edgar Allan Poe que ao se tornar um dos leitores da sua obra dedicou-lhe seu singular *Eureka: A Prose Poem - An Essay on the Material and Spiritual Universe* de 1848.

Diálogos da natureza: Humboldt entre a paisagem

Man is the Messiah of nature
“O homem é o messias da natureza”

Aphorismus (1798-1800), Novalis

No *Quadros da Natureza*⁵ a escrita desenvolvida por Humboldt se insinua para além do relato científico e técnico do observado. Mais do que informar sobre os elementos da paisagem e das culturas humanas pela descrição, mensuração e comparação, a linguagem desenvolvida coloca o leitor em suspensão. Pois, ao mesmo tempo em que busca apreender a mensagem de saber rigoroso, sente-se envolvido pela atmosfera de beleza, a magnitude da natureza e o mistério das culturas antigas. É uma obra científica que possui também características de uma prosa literária, devido a sua marcante influência romântica. Se projetarmos um leitor imaginário – totalmente leigo nas questões das ciências, mas propenso à linguagem literária –, a este a obra bem que poderia parecer, e ser confundida, com uma espécie de romance de viagens e aventuras. Pois, frente à dessacralização da natureza feita especialmente pelas colonizações e também propiciada pelas visões mecanicistas, Humboldt opõe uma visão que “devolve” a magia secreta que lhe fora usurpada. Assim, restituindo-lhe o encanto. Este encanto, porém, não é propiciado somente pela ação observadora do naturalista, mas pela abertura –

⁵ HUMBOLDT, F. W. H. Alexander Von. **Quadros da Natureza**. Prefácio F. A. Raja Gabaglia, trad. Assis Carvalho. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores, 1952.

como uma clareira – na qual ele se põe e se deixa ser envolvido pela magia e pela potência da natureza. Ambos se deixam envolver. É uma relação de diálogo. Ambos falam com muitas vozes: enredados estão tanto os questionamentos científicos e as impressões estéticas do viajante quanto as cores vivas, as formas, contornos da paisagem envolvente e os sons dos animais e da terra, numa espécie de polifonia. Humboldt queria profundamente compreender as influências que o meio geográfico exercia sobre os seres; mas sua narrativa recusava a compreensão que os entendesse separados.

Observe-se, que se consagrou em português a tradução de *Ansichten der Natur* por *Quadros da Natureza*. Mas *Ansichten* é também *opinião, vista, posição, etc.* Deste modo, conjectura-se se Humboldt não o empregou também com outro sentido, não reproduzido nas traduções posteriores – pois as primeiras edições, como a de Tübingen, 1808, trazem o título *Ansichten der Natur - mit Wissenschaftlichen Erläuterungen*, que pode também ser traduzido por *Opinião da natureza - com esclarecimentos científicos* –, entendendo o geofilósofo que a natureza previamente impunha representações próprias e ao naturalista, com o auxílio das ciências, caberia prioritariamente interpretá-las.

Assim parece lhe suceder, pois para entender o cenário total e integrado Humboldt, por exemplo, afere a temperatura das áreas visitadas, a altura das montanhas ou a extensão dos rios com o uso de instrumentos científicos, mas esta tarefa é perpassada pela leitura da história, pela busca da origem, pela discussão da evolução e pelo entendimento da hereditariedade – sempre com o auxílio das diversas ciências que lhe formaram o espírito investigador, mostrando com isso como a leitura humboldtiana do mundo foi integradora e já transdisciplinar. Na parte inicial do *Quadros*, Livro I, *Estepes e Desertos*, isto já se impõe:

Junto das altas montanhas de granito, que desafiaram a erupção das águas, ao formar-se, na mocidade da terra, o mar das Antilhas, começa uma vasta planície que se estende até se perder de vista. Se, depois de atravessar os vales de Caracas e o Lago Tacarigua, semeado de numerosas ilhas, e no qual se reflectem os plátanos que lhe assombream as margens, se passar pelos prados onde brilha a verdura clara e suave das canas de açúcar de Taiti, ou se deixar para trás a sombra densa dos bosquezinhos de cacau, a vista dilata-se e descansa para o sul sobre as estepes as quais parecem ir-se levantando gradualmente e desvanecer-se no horizonte. Arrebato, de súbito, a todas as riquezas da vida orgânica, o viajante fica surpreendido ao penetrar nesses espaços sem árvores, que mostram apenas indícios de vegetação. Nem uma colina, nem uma rocha sequer, que se destaque, como uma ilha, no fundo da planície sem limites (...). (HUMBOLDT, 1952, p. 5).

Para tais fins ele não se preocupou então somente com a descrição física do mundo. Humboldt compara, cita pesquisas, levantamentos – procurando elucidar lendas e mitos – e verifica conceitos de filósofos, naturalistas e viajantes do passado. Para suas abordagens recupera e compara informações e juízos antigos de autores ilustres como Plínio, Ptolomeu, Homero e outros. No Capítulo IV, por

exemplo, do mesmo livro, ao abordar a Cordilheira do Atlas interpõe suas observações às passadas. Lembra como couberam aos Fenícios – entre os primeiros a ultrapassar o Estreito de Gibraltar – a propagação das lendas sobre as montanhas bem-aventuradas; lendas estas mais tarde reproduzidas pelos gregos e romanos e por homens de gênio como Homero e Hesíodo. O que levou depois geógrafos como Estrabão e Ptolomeu por vezes estabelecerem suas informações à base de mitos. No decorrer das suas descrições, comumente Humboldt interpõe o estudo da terra às informações históricas, lingüísticas, mitológicas, etc. Para desvelar o mundo, buscava demonstrá-lo em sua interdependência, interação e totalidade. Ao mesmo tempo em que aborda as cadeias de montanhas da América, descreve o Deserto do Saara, ou os atributos dos camelos e a sua adaptabilidade ao deserto e à convivência humana.

Quando fala das Cataratas do Orenoco o seu olhar romântico tanto descreve metodicamente as suas nascentes e a geografia peculiar como lembra que

tudo que dá caráter individual a uma paisagem: o contorno das montanhas que limitam o horizonte num longínquo indeciso, a escuridão dos bosques de pinheiros, a corrente que se escapa de entre as selvas e bate com estrépito nas rochas suspensas, cada uma destas coisas têm existido, em todos os tempos, em misteriosas relações com a vida íntima do homem (HUMBOLDT, 1952, p. 212).

E nesse impulso também relata as lendas que lhes estão envoltas desde a aurora colonial do Novo Continente – como as do místico Lago Parima.

No Livro III, quando trata da vida noturna dos animais nas florestas da América, lembra como o sentimento da natureza leva ao enriquecimento da língua dos povos, com expressões variadas e pitorescas para caracterizar as formas da natureza e descrever a paisagem. E de como as descrições e os relatos literários de cientistas e viajantes lhes tiraram a riqueza, por interpretarem como sinônimos termos distintos. Para Humboldt toda a descrição que tinha por objeto a natureza deveria manter a diversidade das línguas “para se compenetrar melhor dos fenômenos, ou para escolher, ao pintá-los, a expressão característica” (HUMBOLDT, 1952, p. 260).

A história dos povos pré-colombianos da América também interessa a Humboldt, por isso dedica especial atenção à cultura, às artes e às edificações deixadas por eles. No seu livro *Pesquisa Sobre as Instituições e Monumentos dos Antigos Habitantes da América - com Descrições e Vistas de Algumas das mais Impressionantes Cenas das Cordilheiras* deixou isso consignado. E entende que esses monumentos comparam-se em grandeza com os monumentos do Oriente ou da Europa. Como as pinturas rupestres que encontra e relata – tendo também como fontes viajantes anteriores – na exploração dos rios Rupununi e Essequibo, adentrando pelas montanhas de Pacaraima até às margens do Orenoco, no sul da Guiana, fronteiras com o Brasil e a Venezuela. Sendo que toda essa informação apresentou na sua *Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent*, notável

narrativa em autoria com Aimé Bonpland (1773-1858), em Atlas específico e coleção de desenhos. Ou quando no Livro VII *A Planície de Cajamarca - Antiga Residência do Inca Ataulpa*, pesquisa e descreve a rede de caminhos incas nos Andes. Em todas essas circunstâncias Humboldt afere as temperaturas em termômetros, faz observações barométricas, define altitudes e determina longitudes e latitudes geográficas com o uso da bússola e sextantes, etc. Ao mesmo tempo em que coleta espécimes vegetais, verifica a composição dos solos e rochas. À geografia de Humboldt tudo podia ser observado e mensurado, pois estava constantemente admirado e envolvido pela natureza.

Quando atinge após dura viagem em 1802, sempre levando consigo as preciosas coleções obtidas na América, o alto cume de Guancamarca nos Andes peruanos e pode avistar o pacífico – e quando enfim “despejou-se então subitamente a abóbada do céu, por tanto tempo velada à nossa vista; o vento, que soprava com força do sudoeste, dissipou a neblina; e o azul profundo apareceu através da atmosfera transparente das montanhas, por entre a linha extrema das nuvens” (HUMBOLDT, 1952, p. 235) –, depois de dezessete dias de acampamento no calor do Vale do Maranhão e mais cinco de estadia em Cajamarca, cidade do mítico Ataulpa, o viajante deixa antever que seu diálogo com a natureza se completa, no profundo envolvimento com a paisagem. Pois, fundamentalmente, o que se realizou é um sonho pulsante de uma outrora juventude já especulativa:

(...) Os sentimentos, que nos despertaram as primeiras impressões da infância, ou os acidentes que nascem das relações da vida, tornam-se muitas vezes, quando depois tomam direção mais séria, objeto de trabalhos científicos e expedições longínquas (...). (HUMBOLDT, 1952, p. 235).

A evolução e criação contínua em Humboldt

Nas últimas páginas desta edição do *Quadros* quando aborda a *Vegetação do Globo nos Tempos Anteriores ao Homem* – importante ressaltar que nas primeiras edições de 1808 ainda não estava apenso este texto de Humboldt, bem como *A Vida Noturna dos Animais nas Florestas do Novo Mundo* e *A Fisionomia das Plantas*; e mesmo em edição de 1859 (ano de seu falecimento e também da primeira publicação da *A Origem das Espécies* de Charles Darwin) de Friedrich Gerhard eles ainda não constavam, sendo acrescentados somente em edições posteriores – Humboldt se dedicou à abordagem e defesa prévia de uma distinta teoria: a Teoria da Evolução e da Criação Contínua⁶. Na defesa da teoria, embora deixe claro sua admiração pelo naturalista inglês, cita autores que em parte contestam Darwin. Na concepção humboldtiana Darwin, assim como também Lamarck, não teriam analisado a totalidade do processo de evolução:

⁶ Ver: WALLS, Laura Dassow. **The passage to Cosmos** – Alexander von Humboldt and the shaping of America. Chicago-London: The University of Chicago Press, 2009.

(...) Admitamos, com Darwin, que um caráter orgânico novo, que primeiro é particular a um indivíduo, se transmite aos seus descendentes, que assim se forma uma variedade, e que essa variedade triunfante se fixa e converte em uma espécie. Poder-se-á sempre perguntar de onde surgiu o novo caráter que serviu de ponto de partida à gênese desta espécie. A hereditariedade conserva as formas orgânicas, não as cria. O próprio título da obra de Darwin, é pois errôneo; porque, na realidade, a sua doutrina inteiramente fundada na transmissão hereditária dos caracteres, trata da conservação e não da origem das formas orgânicas. Ela não explica como as variações se produzem nos seres vivos, explica só a fator de que circunstâncias elas se perpetuam, e como de indivíduos se tornam específicas. A seleção natural não prepara os materiais da vida; não pode senão excluir uns e guardar outros. Darwin trata da espécie como se, na sua origem, ela fosse um puro acaso e não uma causa necessária (...). (HUMBOLDT, 1952, p. 320-321).

Humboldt está preocupado com as origens da vida, sabendo que a evolução é uma “realidade” que todos os naturalistas da época – inclusive ele – admitiam. No entanto, para suas aceções tanto Darwin em sua obra revolucionária quanto Lamarck não tratavam a natureza na concepção profunda das conexões entre as espécies na história do mundo. Para ele era necessário pensar em conjunto a tripla influência do meio físico, do meio orgânico e da ação profunda da sexualidade. Sendo que esta última – que poderia ser verificada pela hereditariedade – poderia contar com o auxílio valioso da fisiologia.

Questão, aliás, que já havia sido abordada por Humboldt em trabalhos para a *Die Horen*, periódico editado por Friedrich Schiller. Quando publicou três artigos em 1795 – abordando questões no contexto do *vitalismo*, doutrina da qual recebeu influências provavelmente através de Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), um dos seus mestres em Göttingen: *Über den Geschlechtsunterschied und dessen Einfluß auf die organische Natur* (Sobre a diferença entre os sexos e sua influência sobre a natureza orgânica); *Über die männliche und weibliche Form* (Sobre a forma masculina e feminina) e *Die Lebenskraft oder der Rhodische Genius* (A força da vida ou o gênio de Rhodes).

Este último uma provável metáfora à incessante energia criadora da vida propiciada pela geração e renovação. Humboldt detalha a história de uma pintura enigmática exposta num templo em Siracusa, sul da Península Itálica, provavelmente retirada de um navio de mercadorias naufragado que viera de Rodes. Na pintura em primeiro plano, em meio à profusão de cores, viam-se meninas e meninos nus, com seus rostos cheios de sofrimento e desejo. Estendiam-se mutuamente os braços e as mãos à busca de ajuda e em seus cabelos adornos de flores e folhas em profusão. No centro da pintura figurava um gênio – para onde todos dirigiam os olhares angustiados –, rodeado de intensa luz brilhante, com uma borboleta que lhe pousava nas costas e na mão direita um facho de luz acesa. A face do gênio guardava um aspecto leve e ainda juvenil e seu olhar sereno se dirigia àqueles que se juntavam em torno dele. Todos comentavam sobre a pintura e, em vão, esforçavam-se para interpretá-la. Cópias foram feitas e enviadas à Grécia, porém ninguém lhe dava uma interpretação plausível.

Certo dia, narra Humboldt, navios que aportaram em Siracusa vindo de Rodas traziam novos tesouros artísticos para cidade. Entre as obras estava uma outra pintura singular, um quadro que se tornaria o complemento do Gênio Ródio. A pintura tinha as características e o colorido semelhantes. No entanto, nesta o gênio estava sem a borboleta nas costas, com aspecto tristonho, a cabeça inclinada e o facho de luz apagado e caído no chão. Os meninos e meninas agora se abraçavam e seus olhares eram alegres e vivos, como se celebrassem uma emancipação e uma alegria infinda pela libertação de desejos reprimidos.

Levaram então as duas obras ao filósofo pitagórico Epicarmo, já envelhecido e sem forças. Prostadas as duas a sua frente, depois de contemplá-las, o filósofo exclamou comovido:

correi a cortina da janela, para que mais uma vez os meus olhos se recreiem com e espetáculo dos tesouros que animam a terra. Durante sessenta anos tenho meditado acerca das molas íntimas que movem a natureza, e da diversidade das substâncias, e só hoje vem o Gênio Ródio mostrar-me, de maneira manifesta, o que até agora pude apenas suspeitar. Se o dualismo dos sexos estabelece entre os seres viventes uma aliança benéfica e fecunda, é necessário que a matéria bruta, de que é composta a natureza inorgânica, seja movida por molas semelhantes. Já no caos escuro se condensava ou difundia a matéria, conforme era atraída ou repelida, amiga ou inimiga (...). Tudo na natureza inanimada anseia por se unir ao objeto que a solicita (...). A existência não é senão o ponto de partida de onde cada coisa se lança em novas combinações (...). (HUMBOLDT, 1952, p. 198-199).

Lenda ou não, Humboldt – através de Epicarmo – expressava sua crença na criação contínua, movida pela força vital. E mais tarde, estudando profundamente a química e a fisiologia, diz que a descrição física do mundo mostrará que a crosta da terra é composta dos mesmos materiais presentes nos seres orgânicos e esses se acham submetidos às mesmas forças, ou fenômenos vitais ainda pouco conhecidos.

Para Humboldt, Lamarck em sua grande obra prendeu-se mais à explicação da natureza pelo meio físico. Já Darwin centrou-se mais no meio orgânico, nas mudanças lentas e mudas que no contraste com o ambiente modificam as formas nas lutas incessantes dos seres vivos à busca da sobrevivência. No entanto, segundo aponta, faltou a esses dois naturalistas analisarem mais detidamente as origens. Darwin, especialmente, teria explicado o processo das variações, especializações e deficiências das espécies no meio físico, que por fim determinariam a sobrevivência e a permanência dos mais adaptados. No entanto, ambos demonstraram somente os processos de contágio e o progresso das variações no contexto da evolução e não as origens:

(...) O problema da origem das formas orgânicas não é suscetível de solução completa; mas parece-nos que a massa dos testemunhos, as experiências parciais, feitas pelo homem, a corrente geral e o próprio espírito da ciência deve levar-nos à *teoria da evolução e da criação contínuas*. Temos o direito de afirmar que esta doutrina não é inconciliável nem com a de uma finalidade na natureza, nem com uma filosofia que procura por toda parte uma idéia, uma lei, nos fenômenos. Se as espécies passam por modificações, não pode dar-se isso senão pela tripla influência do meio físico, do meio orgânico e da ação profunda da sexualidade. (HUMBOLDT, 1952, p. 342, grifo nosso).

Assim, Humboldt, o geofilósofo, – em sua ciência de fundamentos geognósticos e essencialmente transdisciplinar⁷. – acreditava que as descobertas da geologia e da paleontologia trariam informações fundamentais para se obter respostas às origens da vida. A fisiologia, na sua profunda análise das formas e funções, poderia lançar luz sobre os processos de geração e transformação que se dá de maneira gradual e contínua. Revelando – na ótica humboldtiana – que a vida ressurgue incessantemente pelos desígnios da herança e da sexualidade, cujos traços “a ciência não pode diferenciar claramente o que, num ser novo, pertence ao elemento macho e ao elemento fêmea; mas a experiência mais vulgar permite reconhecer que a hereditariedade não vai buscar todos os seus traços a um lado só; mas sim combina, mistura em todas as proporções os caracteres dos ascendentes” (HUMBOLDT, 1952, p. 322). E mais do que uma “batalha” pela vida as formas orgânicas demonstram a exuberância – e por vezes mesmo a luxuriosidade de suas belezas, não necessariamente utilitárias – de um fluxo contínuo de vida, de onde não se poderia a priori deduzir qualquer finalidade:

A teoria da criação contínua encontra apoio poderoso em todas as descobertas da geologia; e já se não pode negar hoje que tenha havido progressão contínua no desenvolvimento das formas orgânicas na superfície da terra. São os tipos mais humildes, mais baixos que aparecem primeiro. A vida multiplica gradualmente os seus órgãos, e especializa-os; as funções separam-se, a sensibilidade aguça-se, e encontra instrumentos de cada vez mais delicados. Sobre o tronco, a princípio informe, aparecem ramos, sobre os ramos folhas, depois das folhas flores. Por mutilada que seja a lista de antigas espécies, a lei da continuidade é tão visível que todo o ser novamente descoberto encontra aí lugar já preparado (HUMBOLDT, 1952, p. 322-323, grifo nosso).

Já de acordo com sua própria autobiografia Darwin recebeu e leu em 1831 (pouco antes de zarpar com o HMS Beagle em dezembro do mesmo ano) a publicação das narrativas pessoais de Humboldt e Bonpland⁸; Darwin, segundo seus próprios relatos, admirava Humboldt e a leitura da narrativa da viagem à América o encantou profundamente quando da sua estada em Cambridge entre

⁷ Conceitos como conexão, interação, comparação, totalidade e hereditariedade são fundamentais para compreensão da ciência da natureza em Humboldt e do seu processo criativo. Em Humboldt a *forma intelectual* sugere estar em conexão com a *forma orgânica* e sua epistemologia, sua construção do conhecimento, intentou expressar essa superordenação. A teoria do conhecimento em Friedrich Schelling, especialmente em *Vom Ich als Prinzip der Philosophie*, no contexto do idealismo alemão, possibilita acercar-se dessa compreensão. Ernst Cassirer, por seu turno, faz a seguinte referência elucidadora: “A impossibilidade de apreender o sujeito, determinando-o de acordo com as categorias válidas para o mundo das coisas, é demonstrada por Bergson de forma puramente metodológica e com os mesmos argumentos formulados por Schelling em seu livro *Vom Ich als Prinzip der Philosophie* [Do eu como princípio da filosofia]. Mas a própria subjetividade, o mundo daquele eu puro, do qual nos asseguramos por meio da intuição, fica em Bergson restrito a um círculo bem mais estreito do que o de Schelling. E isso porque para Schelling a natureza, que assim como em Bergson é interpretada como “desenvolvimento criativo”, nada mais é do que o desenvolvimento em direção ao intelecto. A atividade formadora desempenhada pelo intelecto, na forma como ela se revela em suas criações supremas – na criação da língua, do mito, da religião, da cultura e do conhecimento –, é a continuação e a elevação da atividade formadora desempenhada pela natureza: a forma intelectual não está em antagonismo com a orgânica, mas, ao contrário, constitui a plenitude, o fruto mais maduro do processo orgânico em si.”. In: CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**: III – fenomenologia do conhecimento (1 – Matéria e forma do conhecimento: 4 – Conhecimento intuitivo e simbólico na metafísica moderna), 2011, p. 70.

⁸ Ver: http://darwin-online.org.uk/EditorialIntroductions/Chancellor_Humboldt.html <acesso em 27 de fevereiro, 2018>

1828 e 1831⁹. As longas leituras e mesmo a recitação de trechos do relato entre seus colegas de formação contribuíram para realçar-lhe ainda mais a vontade de contribuir para com as ciências naturais e, provavelmente, influenciaram as suas próprias narrativas pessoais quando da redação do seu diário da viagem do Beagle que publicaria em 1839:

Durante meu último ano em Cambridge li com cuidado e profundo interesse a '*Narrativa Pessoal de Humboldt*'. Este trabalho, e a Introdução ao Estudo da Filosofia Natural de Sir. J. Herschel, despertaram em mim uma paixão em acrescentar mesmo uma humilde contribuição à nobre estrutura da Ciência Natural. Nenhum entre tantos outros livros influenciaram-me quanto este dois. Eu copiei de *Humboldt* longas passagens sobre Tenerife, e as lia em voz alta para mim mesmo nas já citadas excursões para (eu penso) Henslow, Ramsay e Dawes; em uma dessas ocasiões mencionei as glórias de Tenerife e alguns da excursão declararam que se empenhariam em ir até lá; mas eu penso que eles somente demonstravam boas intenções. Eu estava, porém, muito empenhado e travei contato com um mercador em Londres para perguntar-lhe sobre navios; mas o projeto esteve, claro, em minha cabeça até a viagem do 'Beagle'. (DARWIN, 1958, p. 67-68, tradução e grifo nosso).¹⁰

No diário, várias serão por fim as citações a Humboldt e às suas contribuições e descobertas¹¹, demonstrando que a leitura e conhecimento profundo da obra de Humboldt contribuíam evidentemente para com o desenvolvimento do trabalho de Darwin, assim como para com todo meio científico europeu e para ciência das viagens naturalistas. As pesquisas e descobertas de Humboldt acrescentavam à ciência nascente importante solidez, já que esta começava a firmar-se como um dos mais profícuos campos de estudo do cosmo do conhecimento que se desenvolvia durante o século XIX. Em uma de suas correspondências escreveu o naturalista inglês que Humboldt “sozinho deu ampla noção dos sentimentos que irrompem na mente quando pela primeira vez nos trópicos”¹². Quanto à criação continuada e a seleção natural pouco se encontra, ou ainda se pode depreender, em debate por parte de Darwin; na *A Origem das Espécies*, porém, uma inferência do gênio inglês talvez possa indicar um conflito imaneente entre as duas teorias e em cujo desenvolvimento das ciências naturais acabou prevalecendo a seleção natural:

⁹ HUMBOLDT, Alexander von; BONPLAND, Aimé.. **Personal narrative of travels to the equinoctial regions of the new continent during the years 1799-1804** – with maps, plants & c. Written in French by Alexander de Humboldt. Translated into English by Helen Maria Williams. Vol. I & II, third edition. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1822.

¹⁰ “During my last year at Cambridge, I read with care and profound interest Humboldt's 'Personal Narrative.' This work, and Sir J. Herschel's 'Introduction to the Study of Natural Philosophy,' stirred up in me a burning zeal to add even the most humble contribution to the noble structure of Natural Science. No one or a dozen other books influenced me nearly so much as these two. I copied out from Humboldt long passages about Tenerife, and read them aloud on one of the above-mentioned excursions, to (I think) Henslow, Ramsay, and Dawes, for on a previous occasion I had talked about the glories of Tenerife, and some of the party declared they would endeavour to go there; but I think that they were only half in earnest. I was, however, quite in earnest, and got an introduction to a merchant in London to enquire about ships; but the scheme was, of course, knocked on the head by the voyage of the "Beagle". In: DARWIN, Charles. **The autobiography of Charles Darwin (1809-1882)** – from the life and letters of Charles Darwin. With the original omissions restored. Edited and with appendix and notes by his grand-daughter Nora Barlow. London: Collins, 1958.

¹¹ In: DARWIN, Charles. **The voyage of the Beagle**. With introduction and notes. New York: P. F. Collier & Son, 1909.

¹² “Alone gives any notion of the feelings which are raised in the mind on first entering the Tropics”. (Correspondence, vol. 1: 237).

Estou bem ciente de que esta doutrina da seleção natural, exemplificada nas instâncias imaginárias acima, está aberta às mesmas objeções que foram inicialmente lançadas contra as nobres opiniões de Sir Charles Lyell sobre "as mudanças modernas da terra, como explicações da geologia"; mas nós agora raramente ouvimos falar da ação, por exemplo, das ondas costeiras, chamadas de causa pequena e insignificante, quando aplicadas à escavação de vales gigantescos ou à formação das mais longas linhas de falésias interiores. A seleção natural só pode atuar pela preservação e acumulação de modificações herdadas infinitesimalmente pequenas, cada uma delas em proveito para o ser preservado; e como a geologia moderna quase banuiu opiniões tais como a escavação de um grande vale por uma só fenda diluvial, assim a seleção natural, se é um princípio verdadeiro, banirá a crença da *criação contínua* de novos seres orgânicos ou de qualquer grande e súbita modificação em sua estrutura. (DARWIN, Cap. IV, p. 90, tradução e grifo nosso).¹³

Em outro momento da obra também se evidencia certo incômodo que lhe causava as muitas objeções à sua teoria (que seria publicada somente em 1859, ano da morte de Humboldt) e já em amplo debate no mundo científico europeu, quando faz questão de lembrar que entre os muitos dos seus críticos encontrava-se um *distinto naturalista alemão*¹⁴. Difícil não conjecturar se esse distinto naturalista alemão não fosse por acaso Humboldt. No trecho da breve inferência feita aos indígenas do mundo e sua aparente "inferioridade" no longo processo de assimilação evolutiva de variações favoráveis (em si determinadas pela seleção natural) na "luta pela vida" frente aos invasores estrangeiros, parece estar contida uma antevisão do uso que se faria da obra do naturalista inglês quando aplicada ao campo das ciências humanas e aos estudos dos povos.

Na época da viagem do Beagle, em 1831, contava Darwin somente com vinte e dois anos, já Humboldt estava com sessenta e dois anos e já haviam se passado mais de duas décadas da sua viagem científica pioneira à América espanhola; era, portanto, um mestre precursor cujo trabalho e vida

¹³ "I am well aware that this doctrine of natural selection, exemplified in the above imaginary instances, is open to the same objections which were at first urged against Sir Charles Lyell's noble views on 'the modern changes of the earth, as illustrative of geology;' but we now very seldom hear the action, for instance, of the coast-waves, called a trifling and insignificant cause, when applied to the excavation of gigantic valleys or to the formation of the longest lines of inland cliffs. Natural selection can act only by the preservation and accumulation of infinitesimally small inherited modifications, each profitable to the preserved being; and as modern geology has almost banished such views as the excavation of a great valley by a single diluvial wave, so will natural selection, if it be a true principle, banish the belief of the *continued creation* of new organic beings, or of any great and sudden modification in their structure". In: DARWIN, Charles. **On the origin of species** – by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle for life. American edition. New York: D. Appleton and Co., MDCCCLXI.

¹⁴ "Consagrará este capítulo à consideração de diversas objeções que se apresentaram contra minhas opiniões, pois algumas das discussões anteriores podem deste modo ficar muito claras; mas seria inútil discutir todas as objeções, pois muitas foram feitas por autores que não se tomaram a moléstia de compreender o assunto. Assim, um *distinto naturalista alemão* afirmou que a parte mais débil de minha teoria é de que considero todos os seres orgânicos como imperfeitos: o que realmente disse eu é que todos não são tão perfeitos como podiam tê-lo sido em relação às suas condições de vida, e *provam que isto é assim as muitas formas indígenas de diferentes partes do mundo que cederam seu lugar a invasores estrangeiros*. Além disso, os seres orgânicos, ainda que estivessem em algum tempo perfeitamente adaptados as suas condições de vida, também não puderam ter continuado estando-o quando mudaram estas, a não ser que eles mesmos mudassem igualmente, e ninguém discutirá que as condições de vida de cada habitat, o mesmo que o número de classes de seus habitantes, experimentaram muitas mudanças". (DARWIN, p. 186, s/d).

serviam de inspiração a todos os jovens naturalistas, no entanto no desenvolvimento natural da ciência certamente um conjunto novo de ideias e teorias haveria de suplantá-lo.

Quando, por fim, encontraram-se pessoalmente para um *Breakfast* na casa de um amigo comum, Darwin, segundo seu relato autobiográfico, afirma ter se sentido lisonjeado pelo desejo demonstrado por Humboldt em conhecê-lo; no entanto, o “velho” naturalista alemão parece não ter lhe causado uma impressão assim tão contundente pessoalmente. Talvez demonstrando que, embora o respeito mútuo entre os dois grandes naturalistas, uma querela científica – certamente fundada em algumas diferenças de visão de mundo de dois dos maiores cientistas da história da ciência e que historicamente se evidenciaria em suas obras – parecia colocá-los, em razão de alguns posicionamentos epistemológicos divergentes, em pontos opostos na trajetória da ciência:

Eu certa vez encontrei pra um café da manhã na casa de Sir Murchison o *ilustre Humboldt*, que me honrou em expressar a vontade de me conhecer. Eu fiquei um pouco desapontado com o grande homem, mas minhas expectativas provavelmente foram muito altas. Eu não me lembro de nada especial de nossa entrevista, exceto que *Humboldt* era muito animado e conversava muito. (DARWIN, 1958, p. 107, tradução e grifo nosso).¹⁵

Considerações finais

Alexander von Humboldt – filósofo da natureza, geofilósofo, cientista natural, geógrafo e erudito – naturalmente viveu plenamente as tensões intelectuais e científicas do seu tempo; desde a sua formação erudita por ser oriundo da alta nobreza alemã, passando pela sua intensa formação acadêmica transdisciplinar e as suas relações com políticos, diplomatas, cientistas, filósofos e literatos. No entanto, suas principais influências – e que podem ser verificadas na contextualização da sua extensa obra – provêm dos intensos debates surgidos no desenvolvimento do idealismo e do romantismo alemão. No contexto desta as narrativas teimam em demonstrar a presença da linguagem científica e poética como uma ação mediadora do entendimento humano na compreensão da natureza numa interação cósmica – representada pela *Ansichten* da paisagem. A natureza se expressa no espaço e tempo recusando uma clara definição: seus segredos têm que ser perscrutados não somente pelo ordenamento científico, mas também por uma perspectiva filosofia. Os fenômenos naturais podiam ser explicados pela ciência e Humboldt pleiteava teorias que elucidassem as suas origens e evolução; mas as sensações que eles provocam – suas belezas e quase inacessibilidades poéticas –

¹⁵ “I once met at breakfast at Sir R. Murchison's house, the illustrious Humboldt, who honoured me by expressing a wish to see me. I was a little disappointed with the great man, but my anticipations probably were too high. I can remember nothing distinctly about our interview, except that Humboldt was very cheerful and talked much”. In: DARWIN, Charles. **The autobiography of Charles Darwin (1809-1882)** – from the life and letters of Charles Darwin. With the original omissions restored. Edited and with appendix and notes by his grand-daughter Nora Barlow. London: Collins, 1958.

necessitavam também de uma compreensão estética transcendente¹⁶. Observamos, especialmente na *Ansichten der Natur*, a defesa da recôndita *Teoria da Evolução e Criação Contínua*, que talvez por não ter sido melhor desenvolvida pelo próprio Humboldt e recebido uma divulgação específica – como o que se fez com a *Seleção Natural* de Charles Darwin – tem sido pouco observada e mesmo estudada. A geografia naturalista totalizante, analítica e comparativa – como apontou Carl Ritter – de Humboldt, por fim, não encontrou grande eco no Brasil do século XIX; onde predominou a influência do naturalista também alemão Karl F. P. von Martius (1794-1868) – que empreendeu sua viagem ao Brasil entre os anos de 1817-1820.

Na sua evolução a Geografia naturalmente produziu outras epistemologias e avançou nas abordagens de suas principais categorias, “emancipando-se de sua etapa precursora moderna naturalista” – também *filosófica da natureza*; no contexto e tempo cronológico de Alexander von Humboldt. No entanto, pode-se indagar: se alguma coisa desses primórdios ainda pode vir em seu auxílio? Quem sabe seja o maior reconhecimento pela ciência geográfica de sua proximidade intrínseca com a filosofia e a arte; ou ainda novos estudos sobre a obra e a epistemologia transdisciplinar humboldtiana, ou mesmo um repensar sobre a categoria de paisagem entre os domínios das Geografias Física, Humanística e Cultural; conjecturando-se que talvez esse reencontro possa ainda oferecer, no campo da teoria do conhecimento, hermenêuticas que venham auxiliá-la em seu desenvolvimento e em face dos seus desafios contemporâneos e futuros.

Referências

- ATLAS ZU ALEX. v. HUMBOLDT'S KOSMOS. Stuttgart: Verlag von Kraiss & Hoffmann, 1845.
- BARBOSA, Túlio. *Estética romântica germânica e a paisagem em Humboldt*: percurso da geografia. Tese de Doutorado. Presidente Prudente: Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, 2011.
- MILLÁN, Manuel Corbera. Ciencia, naturaleza y paisaje en alexander von Humboldt. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, n.º 64, 2014, págs. 37-64.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Schwarcz, 2002.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. 3 vols.: I - a linguagem; II - o pensamento mítico; III - fenomenologia do conhecimento. Trad. Marion Fleischer, Cláudia Cavalcanti e Eurides Avance de Souza; rev. Moacyr Ayres Novaes Filho e Flávio Benno Viebneichler. São Paulo: Martins Fontes, (2001, 2004 e 2011).
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies, por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida*. Trad. André Campos Mesquita. Editora Escala, s/d.

¹⁶ Neste sentido a natureza e o naturalista estão numa espécie de diálogo, na perspectiva de F. Schelling o intelecto representa o estágio mais avançado da evolução da natureza, portanto não são antagônicos; quando o naturalista indaga a natureza estaria imergindo numa dimensão de pertencimento recíproco. O cientista elucida os fenômenos com suas teorias e métodos, mas esse seu retorno em si representa a contínua evolução do processo natural. Por isso, a composição humboldtiana pode tornar-se uma *Γεογράφημα*, uma representação onde se vê suspensa a dicotomia sujeito-objeto; a ação do cientista perpassa o mero aparente, o fenômeno, a *Φύσις* ou a natureza, para alcançar a *Κώρα*, a dimensão geradora, percebida através da paisagem, também imagem simbólica; que se dará em uma possível totalidade a partir dos seus “fragmentos” num processo cocriativo.

- _____. *On the origin of species* – by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle for life. American edition. New York: D. Appleton and Co., MDCCCLXI.
- _____. *The voyage of the Beagle*. With introduction and notes. New York: P. F. Collier & Son, 1909.
- _____. *The autobiography of Charles Darwin (1809-1882)* – from the life and letters of Charles Darwin. With the original omissions restored. Edited and with appendix and notes by his grand-daughter Nora Barlow. London: Collins, 1958.
- Darwin, Francis & Seward, A. C. (Eds). *More letters of Charles Darwin*. A record of his work in a series of hitherto unpublished letters. London: John Murray. Volume 2, 1903.
- GOETHE, J. W. von Goethe. *A metamorfose das plantas*. Trad. Friedhelm Zimpel e Lavínia Viotti. Tradução poema/epílogo de Jacira Cardoso, Prefácio de Günter Kollert. São Paulo: Antroposófica, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. *O que é uma coisa?* Doutrina de Kant dos princípios transcendentais. Lisboa: Edições 70, 1987.
- HUMBOLDT, Wilhelm von (1767-1835). *On Language: on the diversity of human language construction and its influence on the mental development of the human species*. Edited by Michael Losonsky, CUP 1999, pp. 25-64.
- HUMBOLDT, F. W. H. Alexander Von. *Quadros da natureza*. Vols. 1 e 2. Clássicos Jackson. Prefácio F. A. Raja Gabaglia, trad. Assis Carvalho. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1952/1953.
- _____. *Sitios de las cordilleras: monumentos de los pueblos indigenas de la America*. Traducción Bernardo Giner. Madrid: Imprenta y Libreria de Gaspar Editores, 1878.
- _____. *Cosmos: ensayo de una descripción física del mundo*. Tomo 1. Biblioteca-Hespano-Sur-Americana. Bélgica: Eduard Perié Editor, 1875.
- _____. *Ansichten der Natur*. Bolfsausgabe mit Humbolsts Biographie und Humboldts Portrait. New York: Friedrich Gerhard, 1859.
- _____. *Cosmos: sketch of a physical description of the universe*. Vol. II. Translated under the superintendence of Lieut.-Col. Edward Sabine, sixth edition. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1849.
- _____. *Views of nature: or contemplations on the sublime phenomena of creation with scientific illustrations*. Translated from the German by E. C. Otté and Henry G. Bohn; with a frontispiece from a sketch by the author, a fac-simile of his hand-writing and a comprehensive index. London: Henry G. Bohn, 1845.
- _____. *Kosmos: a general survey of the physical phenomena of the universe*. Vol. I. London: Hippolyte Bailliére Publisher, 1845.
- _____. *Über den Geschlechtsunterschied und dessen Einfluß auf die organische Natur* (2ª edição, 1795); *Über die männliche und weibliche form* (4ª edição, 1795); *Die lebenskraft oder der Rhodische Genius* (5ª edição, 1795). *Die Horen*; Friedrich Schiller (Ed.).
- _____.; BONPLAND, Aimé. *Essay on the geography of plants*: Edited with new introduction by Stephen T. Jackson, translated by Sylvie Romanowski. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2009.
- _____. *Personal narrative of travels to the equinoctial regions of the new continent during the years 1799-1804* – with maps, plants & c. Written in French by Alexander de Humboldt. Translated into English by Helen Maria Williams. Vol. I & II, third edition. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1822.
- _____. *Essai sur la géographie des plantes; accompagné d'un tableau physique des régions équinoxiales*. Redigé per A. de Humboldt. Paris: Chez Levrault, Schoell et Compagnie Libraires, 1805.
- HUMBOLDT'S TRAVELS AND DISCOVERIES IN SOUTH AMERICA*. John W. Parker, West Strand. London: Harrison and Co., St. Martin's Lane, MDCCCXL.

- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão baseada na Crítica de Raymund Schmidt e na edição de Ernst Cassirer; Introdução e notas Alexandre Fradique Morujão. 5ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- LENOIR, T. The Göttingen School and the development of transcendental naturphilosophie in the romantic era. COLEMAN, W. e LIMOGES, C. (Org.) *Studies in History of Biology*. Baltimore and London, John Hopkins University Press, 1981, p. 111 a 205.
- MATTOS, Cláudia Valadão de. A pintura de paisagem entre a arte e a ciência: Goethe, Hackert e Humboldt. In: Terceira Margem – Estética, Filosofia e Ciência nos Séculos XVIII e XIX, *Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura*, UFRJ, Faculdade de Letras, ano VIII, n.º 10, 2004, p. 152-179
- MENGE, Hermann; GÜTHLING, Otto. *Menge-Güthling Griechisch-Deutsches und Deutsches-Griechisch Wörterbuch*. Berlin-Schöneberg, 1920.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano demasiado humano – um livro para os espíritos livres*. Trad. Carlos Grifo Babo. Brazil-Portugal: Editorial Presença-Livraria Martins Fontes Editora, 1973.
- NOVALIS. *Hymnen an die Nacht, 1797-1800*. Traducción y notas de Eduardo Barjau. En Himnos a la Noche - Enrique de Offerdingen, obras de Novalis, Historia Universal de la literatura 93, Hyspamerica - Ediciones Orbis S. A., 1982.
- OS PENSADORES. *Schelling: vida e obra (O Programa Sistemático)*. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 36-41.
- PEREIRA, Isidro. *Dicionário de grego-português e português-grego*. 8ª ed. Braga, Portugal: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.
- POE, Edgar Allan. *Eureka, prose poem: an essay on the material and spiritual universe*. In: The Works of the Late Edgar Allan Poe, in four volumes; II - Poems and Tales. New York: Redfield, 1857.
- RICOTTA, Lúcia. *Natureza, ciência e estética em Alexander von Humboldt*. Prefácio Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- _____. A paisagem em Alexander von Humboldt: o modo descritivo do quadros da natureza. *Revista USP*, São Paulo, n. 46, p. 97-114, junho/agosto 2000.
- RITTER, Carl. *Comparative geography*. Philadelphia: J. B. Lippincott and Co., 1865.
- SALLAS, Ana Luisa Fayet. *Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do século XIX*. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.
- SCHELLING, Friedrich W. J. *Ideias para uma filosofia da natureza*. Tradução, prefácio, notas e apêndices Carlos Morujão; revisão da tradução José Mirando Justo. Edição bilingue. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001.
- _____. *Escritos sobre filosofia de la naturaleza*. Estudio preliminar, traducción y notas Arturo Leyte. Madrid: Alianza Editorial, 1996.
- _____. *System des transcendentalen Idealismus*. Tübingen: J. G. Cotta'schen Buchhendlung, 1800.
- _____. *Vom Ich als Prinzip der Philosophie oder über das Unbedingte im menschlichen Wissen*. S/d.
- VITTE, A. C. Natureza em Alexander von Humboldt: entre a ontologia e o empirismo. *Mercator*, v. 9, n. 20, set./dez., 2010, p. 179-195.
- WALLS, Laura Dassow. *The passage to Cosmos – Alexander von Humboldt and the shaping of America*. Chicago-London: The University of Chicago Press, 2009.

(Recebido em 17-04-2018; Aceito em: 20-08-2018)